

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16342 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

SINDICALISMO DOCENTE EM ANGOLA E AS MOTIVAÇÕES PARA ADESÃO ÀS GREVES DEFLAGRADAS PELO SINPROF

Alonso Carlos Artur - PPGEDU/UFRGS

Elisabete Zardo Búrigo - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SINDICALISMO DOCENTE EM ANGOLA E AS MOTIVAÇÕES PARA ADESÃO ÀS GREVES DEFLAGRADAS PELO SINPROF

Resumo

Este texto analisa o sindicalismo docente em Angola, com foco nas motivações dos professores para participar das greves organizadas pelo Sindicato Nacional dos Professores (Sinprof) em um contexto de restrições à liberdade de expressão. Utiliza-se uma metodologia qualitativa com recurso a análise documental, revisão de literatura, observação de vídeos e fotografias, além de entrevistas com oito docentes de diferentes províncias angolanas. As entrevistas revelam que a adesão ao Sinprof é motivada tanto por necessidades práticas, como a proteção contra retaliações e melhorias salariais, quanto por aspirações como justiça social e dignidade. O sindicato tem sido fundamental na defesa dos interesses dos professores, apesar dos desafios do ativismo sindical em Angola.

Palavras-chave: Trabalho docente. Educação de base em Angola. Sindicalismo docente

Este texto aborda o sindicalismo docente em Angola, focando nas motivações que levam os/as professores/as a participar das greves organizadas pelo Sindicato Nacional dos Professores (Sinprof), em um contexto marcado por significativas restrições à liberdade de expressão. Discutimos como essas restrições influenciam a dinâmica sindical e afetam a participação dos/as docentes nas mobilizações grevistas, explorando os desafios enfrentados e os impactos no cenário educacional e político do país.

Angola é um país do continente africano, como o Brasil também foi colonizado por portugueses e tem o português como a sua língua oficial. Apesar do que se anuncia nos discursos oficiais e gerais, Angola é um país onde a democracia não tem uma consolidação expressiva. De acordo com a DW África (2021, n.p.), “40% dos angolanos não vêem o seu país como uma democracia completa, apesar de 37% considerarem que o regime democrático é o melhor para governar um país”. Entretanto, desde 2013 temos assistido uma realidade que apresenta um cenário diferente, porém, no setor da educação, propriamente no setor da educação de base liderado pelo Sindicato Nacional dos Professores (Sinprof). O referido sindicato lida com as questões da educação acadêmica básica, que vai da primeira classe até a décima segunda classe e em alguns casos, a depender do curso, até a décima terceira classe.

Esta pesquisa visa compreender as motivações que levam os/as docentes a somarem nas lutas lideradas pelo Sinprof apesar do contexto que predomina em Angola, com a seguinte pergunta de partida: quais são os principais motivos que levam os professores(as) angolanos/as a aderirem ao Sindicato Nacional dos Professores (Sinprof) durante períodos de

greve? Procuramos entender as razões que levam estes/as docentes a correrem o risco de participar das greves mesmo quando perseguições e retaliações são constantemente registradas em Angola.

Para a condução da pesquisa, apoiamos-nos na metodologia qualitativa, com recurso a análise documental, observação por meio de vídeos e fotografias contidas nas redes sociais e sites oficiais de notícias, e entrevistas com professores e professoras de Angola. Aplicamos um roteiro semiestruturado para as entrevistas e conseguimos conversar, via plataformas online, com oito docentes de duas províncias diferente daquela nação.

Buscamos contextualizar conceitualmente as greves com recurso a alguns autores/as. Dialogando com Leite (1987, p. 9): “A greve, enquanto paralisação coletiva do trabalho por iniciativas dos trabalhadores, visando forçar o patrono ou Estado a atender suas reivindicações, é um fenômeno bastante antigo”. Entretanto, muitos autores, tal como Dias (2012), acrescentam que o fenômeno como conhecemos hoje é uma invenção moderna, “produto da emergência do modo de produção capitalista, em que a criação das condições de acumulação de capital estabeleceu a relação antagonica – capital/trabalho” (Dias, 2012, p. 113).

Para Silva, Greco e Jorge (2021), os sindicatos dos professores são entidades de grande importância, pois defendem os direitos da categoria que representam perante as instituições públicas responsáveis pela manutenção desses direitos. E por isso Melucci (2001) vai dizer que os movimentos sociais que surgem em meio aos conflitos de uma sociedade não são um sinal de declínio, mas sim uma indicação de que algo novo está nascendo. Eles representam uma nova forma de pensar e agir, trazendo a coragem necessária para enfrentar desafios e possivelmente oferecer novos caminhos para transformar as demandas existentes.

E essa tem sido a possibilidade que se abre no que vem acontecendo no cenário da educação de base por meio das greves realizadas pelo Sinprof. Melucci (2001) afirma também que não há um único tipo de sistema que organiza os movimentos sociais, pois os objetivos e demandas que surgem são variados. Isso favorece o surgimento de diversos atores dentro dos movimentos sociais, com o propósito de mediar e negociar conflitos específicos com as entidades que têm o poder de resolver as diferentes situações apresentadas.

Neste sentido, as greves configuram-se como um ambiente de transformações constantes. Esses momentos servem para romper com a ambiguidade que o cotidiano nos coloca e muitas vezes é necessário desafiá-los para que outras perspectivas sejam possíveis, desta forma Mortari (2019) vai dizer que o cotidiano está sempre mudando e trazendo com ele mudanças e novas demandas, então, geralmente o sentido de satisfação das greves só permanece até surgir uma nova demanda para reivindicações. Situação que é recorrente em Angola.

Para compreender o contexto das greves docentes em Angola recorreremos aos dados produzidos durante as entrevistas. Ao falarmos com a professora WA sobre a adesão ao Sinprof e a participação nas greves, a mesma apontou:

Olha, data mesmo não consigo te explicar, acho que nas primeiras greves dos anos 2000, antes não podia participar porque estava em uma escola comparticipada [...] e não podia participar das greves, mas de lá para cá acho que há uns 10 anos tenho

uma participação ativa, acho que o Sinprof surge num momento em que nós precisamos mesmo que alguém falasse por nós ou que alguém tomasse a voz dos professores (Professora WA, registro da entrevista em dezembro de 2023).

Sobre o mesmo tema, a professora WB disse:

Para mim, o Sinprof chegou por meio de colegas. Sempre observei o movimento do Sindicato, mas não dava muito crédito, até porque aqui as coisas dificilmente mudam. No entanto, meus colegas estavam muito ligados ao Sinprof e sempre que havia alguma greve, eles não levavam faltas ou eram descontados em alguns momentos por terem o respaldo do sindicato. Então, decidi entrar, mas não somente por isso. Depois de algum tempo, o Sinprof começou a defender pautas que também eram do meu interesse, como o aumento de salário e outras mais (Professora WB, registro da entrevista em dezembro de 2023).

O professor WC, por sua vez, argumentou o seguinte:

O Sinprof, na minha perspectiva, possui muitas falhas e está distante de aprimorar seus métodos de atuação, mas não temos outra alternativa mais eficaz para nos representar. Não sou filiado ao Sinprof [Não] por opção, mas sim porque, há algum tempo, as inscrições foram suspensas (Professor WC, registro da entrevista em dezembro de 2023).

Quem também deu seu testemunho foi o professor WD, dizendo:

Caríssimo, não [sou] oficialmente filiado ao Sinprof, mas frequento aos eventos e reuniões do Sinprof e participo de todas as greves que os mesmos realizam, apesar de hoje auferir um cargo na escola em que trabalho, eu entrei na educação como técnico médio e a minha categoria ganha muito mal e o sindicato tem feito trabalhos na direção que buscam melhorias neste e outros sentidos (Professor WD, registro da entrevista em dezembro de 2023).

Quando ouvimos os/as docentes da província Y, as respostas sobre por que aderiram o Sinprof não foram muito diferentes dos primeiros relatos. Questionado o professor YA sobre as razões que o levaram a se filiar ao Sinprof e como isso aconteceu, ele disse o seguinte:

Na verdade, o sentido de justiça, o impulso para a reivindicação, acho que são características inatas. Comecei a ser influenciado a aderir ao Sinprof através das Zonas de Interação Pedagógica (ZIPs), frequentando esses espaços com colegas de outras escolas. Conheci uma colega chamada [...], também sindicalista, que me convidou a aderir ao Sinprof, levando em conta meu engajamento até então nessas interações. Assim, em 2016, aceitei o convite, movido pelo espírito de justiça que me motivava a defender o que é correto. Aderi ao sindicato sem pensar em benefícios pessoais ou nos perigos que isso poderia representar, especialmente fora da capital, quando se trata de atividade sindical em África, e particularmente em Angola (Professor YA, registro da entrevista em março de 2024).

Ele também acrescentou o seguinte:

Realmente, a atividade sindical ainda é algo muito estigmatizado e perigoso, especialmente aqui, mais do que em Luanda. Por esse motivo, nós, enquanto secretariado do Sinprof na província do [...], adotamos um lema, no qual afirmamos que o sindicalismo é um sacerdócio. Acreditamos que só é possível quando nos comprometemos com alguma missão ou valor, como o valor da justiça, da dignidade, do correto, entre outros. Portanto, não é fácil fazer sindicalismo em África e, sobretudo, em Angola, por duas razões: uma é a questão política e outra é o exercício do direito de cidadania do ponto de vista trabalhista (Professor YA, registro da entrevista em março de 2024).

Essa afirmação sobre o perigo de fazer parte do sindicato também foi apontada por outros/as entrevistados/as. A professora YB também compartilhou sua experiência sobre como teve seu primeiro contato com o sindicato, destacando que “não, não sou filiada ao Sinprof ainda, mas não sou contra a sua atuação”, situação diversa da do professor YC, que informa:

Fui convidado pela [...] a integrar o Sinprof, sindicato que tenho defendido como membro, zelando pelas preocupações diárias dos professores e pela qualidade da educação em geral. Interessei-me pelo sindicato devido à minha experiência como professor e às condições insatisfatórias de trabalho enfrentadas pelos docentes.

Busco, junto ao Sinprof, defender os direitos e as condições dignas que os professores merecem. Exigimos também qualidade na educação, pois sem investimento do governo, não alcançaremos o padrão de ensino desejado (Professor YC, registro da entrevista em março de 2024).

Quem também revelou a forma como aderiu ao Sinprof foi o professor YD, ele informou o seguinte:

No entanto, por meio de [...], fiquei sabendo sobre o Sinprof. Mostrei interesse e fui convidado para uma assembleia realizada aqui no [...] pelo Sinprof, onde fomos informados sobre os objetivos do sindicato. Desde então, tornei-me filiado ao Sinprof e permaneço assim até hoje. (Professor YD, registro da entrevista em março de 2024).

Do nosso ponto de vista, fica evidente que a adesão ao Sinprof por parte dos professores em Angola é motivada por uma combinação de necessidades práticas e aspirações profissionais e pessoais. A Professora WA destaca a necessidade de representação sindical diante de uma história de restrições anteriores à sua participação ativa em greves. Já a Professora WB menciona como o apoio do Sinprof aos seus colegas influenciou sua decisão de se filiar, especialmente quando as demandas sindicais se alinham com suas próprias preocupações salariais e de condições de trabalho.

Por outro lado, o Professor WC, embora critique algumas falhas do Sinprof, reconhece a falta de alternativas viáveis e continua participando das atividades sindicais. O Professor WD, mesmo não sendo oficialmente filiado, participa ativamente das greves e eventos do Sinprof, demonstrando um engajamento baseado na necessidade de melhorias significativas para sua categoria profissional.

O Professor YA e outros entrevistados enfatizam o aspecto solidário e de justiça social que os motivou a aderir ao Sinprof, apesar dos riscos associados ao ativismo sindical em Angola. O professor YA ressalta que o sindicalismo é visto como um "sacerdócio", fundamentado na defesa dos direitos dos professores e na busca por condições dignas de trabalho e educação de qualidade.

Portanto, as motivações para aderir ao Sinprof refletem não apenas questões práticas como proteção contra retaliações e melhoria salarial, mas também um compromisso profundo com valores de justiça e dignidade, destacando a importância do sindicato como uma voz coletiva necessária na defesa dos interesses dos professores angolanos. Esses compromissos são desenvolvidos e/ou fortalecidos pela participação durante estes movimentos coletivos.

Referências

DW ÁFRICA. Muitos angolanos não consideram o país uma democracia. Angola, 08 Out. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/muitos-angolanos-n%C3%A3o-consideram-o-pa%C3%As-uma-democracia/a-59447498>. Acesso: 10 Jul. 2021.

DIAS, Hugo. Greve. In: SOUSA SANTOS, B. (ed.). **Dicionário das crises e das alternativas**. Coimbra: Edições Almedina, 2012. p. 113-114.

LEITE, Márcia de Paula. **O movimento grevista no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORTARI, André Dias. A construção cotidiana da greve na UFRGS: o movimento contra as reformas no final de 2016. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 25, p. 278-296, 2019.

SILVA, Leda Maria Messias; GREGO, Patricia Gasparro Sevilha; JORGE, Welington Junior. Importância do sindicato e do ministério público do trabalho, para a proteção do empregado/professor diante dos desmandos do empregador. **Revista Saberes da Amazônia**, Rondônia, v. 6, n. 12, p. 90-111, 2021.